NOVO RECORTE

Quase metade dos campineiros em favelas mora em ruas não asfaltadas

IBGE revelou que 47% estavam nessa situação quando o Censo 2022 foi feito, índice muito superior ao estadual, 18,32%, e nacional, 21,54%

|| Da Redação

O novo recorte do Censo 2022, divulgado ontem, revelou as características urbanas do entorno dos domicílios brasileiros, com especial enfoque em áreas de favelas e comunidades. Em 2022, Campinas contava com 118 favelas e comunidades urbanas, com um total de 140.784 habitantes, o equivalente a 12,35% da população. Dentro desse universo, 47,04% das pessoas viviam em vias não asfaltadas, enquanto apenas 3,08% da população de outras áreas do município estavam nessa situação. O percentual é muito superior ao registrado no estado de São Paulo, 18,32% moravam em ruas sem asfalto, e no Brasil, 21,54%.

Fora das comunidades, apenas 3,08% residem onde não há pavimentação

Com relação à existência de calçadas ou passeio público, 43,29% da população em favelas e comunidades não dispunham dessas estruturas em frente aos seus domicílios, contrastando com apenas 4% dos demais habitantes. Das pessoas residentes em favelas e comunidades, 62,35% residiam em vias sem a existência de bueiros ou bocas de lobo, 36,56% das vias não contavam com arborização, além de 15,25% sem a existência de iluminação pública. Campinas se sai bem melhor que São Paulo e Brasil apenas no segundo índice, de vias de favelas sem arborização (64,18% no país e 66,46% no estado). Em iluminação pública o índice estadual é praticamente o mesmo (15,26%), situação pior que a do Brasil (apenas 8,82% vivem em vias de comunidades urbanas sem iluminação). Em relação à ausência de bueiros e bocas de lobo, Campinas também apareceu no censo com números piores que São Paulo (55,34%) e Brasil (54,26%).

Ao analisar os dados, o demógrafo e professor da Unicamp, Roberto Luiz do Carmo, observou que a quantidade de pessoas em favelas na cidade diminuiu 5% entre os censos de 2010 e 2022, mas o número de domicílios aumentou 13,8%, passando de 40 mil para mais de 45 mil domicílios. O que aconteceu foi uma diminuição do número médio de pessoas vivendo na mesma residência. Antes, eram 3,7 por casa, índice que caiu para 3,1.

Dentro desse contexto, o professor ressaltou que o aumento do número de domicílios também significa mais problemas. Para ele, os dados divulgados reforçam o impacto diário sofrido por quem vive nessas áreas, uma vez que a falta de pavimentação e de demais estruturas, como bueiros e estruturas de escoamento de água, tem efeitos negativos diretos no bem-estar. "Uma via não pavimentada significa mais exposição a material particulado no ar, o que agrava doenças respiratórias no tempo seco, e acúmulo de água com esgoto em tempo chuvoso, que pode aumentar alagamentos e disseminação de outros tipos de doenças."

Para o demógrafo, os obstáculos para reverter o cenário estão ligados ao próprio processo de ocupação da cidade. "Enquanto alguns bairros tiveram planejamento e infraestrutura, outros foram ocupados sem arruamento adequado. Isso é um problema histórico que ainda se reflete hoje", analisou. Apesar disso, ele acredita que avanços são possíveis. Para isso, é necessário que o poder público invista ainda mais para melhorar as áreas mais precárias. Ele ressaltou que o direito à cidade inclui "condições ambientais adequadas e amenidades para a vida das pessoas".

Para Carmo, a construção de parques, o plantio de árvores e a devida construção de uma infraestrutura adequada são capazes de transformar o sentimento de pertencimento dos moradores. "Deve existir mais união entre o poder público e a comunidade local, que pode ser muito melhor utilizada do que é hoje", avaliou o professor.

O arquiteto e urbanista, Fábio Muzetti, também professor da PUC-Campinas, explicou que boa parte das vias com infraestrutura precária estão localizadas em ocupações habitacionais ainda sem regulamentação oficial. "É uma ocupação espontânea. As pessoas chegam e constroem. Não é algo negociado como um loteamento regularizado", lembrou. O resultado é um problema social complexo de ser enfrentado.

O urbanista reforçou que as áreas ocupadas costumam coincidir com regiões de maior risco, como locais sujeitos a alagamentos e terrenos sem infraestrutura mínima de saneamento. Além disso, sem planejamento urbano básico, as ruas são mais estreitas, com ausência de espaço para calçadas e traçado improvisado das vias, fatores que dificultam qualquer intervenção posterior. "Para estruturar o bairro de forma adequada é necessário, muitas vezes, um redesenho do local, o que pode levar a casos de desapropriação."

Como meio de solucionar esses cenários de precariedade estrutural e habitacional, Muzetti refletiu que o Brasil deveria olhar para modelos estrangeiros que tratam a moradia como política de Estado. Ele citou sistemas como o francês e o inglês, que preveem a entrega da unidade habitacional de forma gratuita, com exigência de contrapartidas sociais, como cursos profissionalizantes, para conseguir melhores colocações profissionais. "Não pode ser o banco a comandar a política habitacional, o Estado precisa ser proprietário e gestor das unidades para garantir uma estrutura urbana com mais qualidade."

O técnico em edificações Wilker Sousa, 41, mora há cinco anos no Residencial Sítio Paraíso, localizado na região do Parque Oziel. Ele relatou que a melhoria ocorrida nos últimos anos foi por causa de uma iniciativa dos próprios moradores, que jogaram concreto nas vias de terra para melhorar a mobilidade dos carros e diminuir a poeira em tempos mais secos.

A comerciante Lucielma da Silva, 39, há nove anos morando no bairro, relatou que a ausência de calçadas, ruas esburacadas e a falta de saneamento básico dificultam a locomoção e colocam em risco populações mais vulneráveis, como idosos e crianças. "Todos os dias tenho que caminhar mais de dez minutos para meus filhos pegarem a van escolar, pois ela não consegue acessar a rua aqui de casa". Além disso, com a ausência de uma estrutura adequada, ela contou que sempre quando chove a rua fica totalmente alagada. "Nunca aconteceu de entrar em casa, mas é uma preocupação constante, até porque, se chover, não conseguimos sair."

Em contraste com a realidade vivida pelos moradores do Residencial Sítio Paraíso, a auxiliar de cozinha Alessandra Avelar, 50, trabalha em um restaurante no bairro do Cambuí, local que ela considera bem-cuidado, repleto de árvores e com boa estrutura de pavimentação e calçamento. "Bem diferente de outros bairros, que, por conta da falta de estrutura, são quase inacessíveis", declarou.

Há sete anos ela mora no Parque Jambeiro, bairro que ela considera que se desenvolveu bastante não somente do ponto de vista da estrutura viária, mas também do lazer. Ela citou o Parque das Águas como principal equipamento público voltado à recreação dos moradores. Mesmo com a infraestrutura existente, Alessandra chamou a atenção para a manutenção da pavimentação das ruas do bairro. "Ter asfalto é muito bom, mas precisa de manutenção. Hoje em dia tem muito buraco nas ruas."

PREFEITURA

De acordo com a Prefeitura de Campinas, existem alguns programas em andamento que abrangem desde a pavimentação de vias e a instalação de drenagem até a regularização fundiária em larga escala, garantindo segurança jurídica e acesso a serviços públicos para milhares de famílias, além de ampliação dos programas de arborização e novo sistema de iluminação pública.

O poder público citou o programa "Meu Bairro Bem Melhor 2", realizado pela Secretaria Municipal de Infraestrutura, que beneficiou 20 bairros e mais de 123 mil pessoas, com a construção de 46,8 km de galerias pluviais para escoamento de água da chuva e pavimentação de 73,3 km de vias. O investimento foi superior a R$ 172,5 milhões, informou a Prefeitura. Além disso, a Secretaria de Serviços Públicos já pavimentou quase 30 núcleos residenciais da cidade, destacou.

"É importante ressaltar que serviços públicos como pavimentação só podem ser executados após a regularização fundiária dos bairros, conforme a legislação", ressaltou a nota. Por meio da Secretaria de Habitação e da Companhia de Habitação Popular (Cohab) de Campinas, desde 2021, foram regularizados 141 núcleos, contemplando mais de 21.489 imóveis e beneficiando aproximadamente 85.350 pessoas. Além disso, há 1.215 matrículas de imóveis em processo final de liberação nos cartórios, divulgou a Prefeitura, que citou ainda o programa de implementação das microflorestas. O objetivo é combater as ilhas de calor na cidade, filtrar o ar e servir de abrigo à fauna urbana. Campinas implantou, até o momento, 20 microflorestas e uma em andamento. Somente essas pequenas florestas somam mais de 22,5 mil mudas de árvores plantadas. A meta é chegar a 200 microflorestas em até quatro anos.

Rodrigo Zanotto

Outro dado relevante divulgado pelo IBGE é que 43,29% da população residente em favelas e comunidades urbanas não têm calçada ou passeio público na rua de casa

Xeque-Mate

DO MÉDICO-VETERINÁRIO
Francis Flosi

Calor e desidratação: os riscos silenciosos do verão antecipado para cães, gatos e pets exóticos

Com a chegada antecipada do calor e a intensificação das ondas de calor, os cuidados com cães, gatos e pets exóticos tornam-se ainda mais essenciais.
As altas temperaturas podem desencadear problemas como desidratação, insolação e hipertermia, condições que se instalam rapidamente e colocam a saúde dos animais em risco. A preocupação não se restringe aos pets domésticos mais comuns: espécies exóticas também sofrem com ambientes abafados, exposição ao sol direto e exercícios prolongados.
O aumento da temperatura corporal pode evoluir de forma silenciosa para quadros graves.
Entre os primeiros sinais de desconforto térmico estão a respiração acelerada, a letargia e a recusa alimentar — comportamentos que muitas vezes passam despercebidos pelos tutores. Quando o animal chega ao ponto de exaustão pelo calor, frequentemente já se encontra em situação crítica.

Cuidados essenciais para cães, gatos e espécies exóticas

Para minimizar riscos, recomenda-se manter água fresca sempre disponível, priorizar locais arejados e evitar passeios ou atividades nos horários de maior incidência solar, geralmente entre 10h e 16h. Em cães e gatos, um problema comum são as queimaduras nos coxins, especialmente quando caminham em superfícies como asfalto ou pisos quentes. Uma forma simples de avaliar se o piso está seguro é testar a temperatura com o dorso da mão; se estiver desconfortável para o tutor, estará também para o animal.

Atenção especial aos pets exóticos

Espécies como coelhos, roedores, aves, répteis e peixes ornamentais possuem características fisiológicas específicas e podem sofrer ainda mais com o calor.
Bons cuidados incluem:

Alimentação adequada

Cada espécie exige uma dieta específica e balanceada:

– Coelhos e roedores precisam de feno à vontade, vegetais frescos e ração própria.

– Aves devem receber frutas, legumes e sementes em pequenas porções.

– Répteis herbívoros, como iguanas, necessitam de vegetais escuros e ricos em cálcio; espécies carnívoras podem demandar insetos vivos.

– Peixes ornamentais se beneficiam de uma alimentação equilibrada, evitando produtos industrializados, pão, leite, chocolate e derivados.

Ambiente e enriquecimento

O habitat precisa assegurar ventilação adequada, conforto térmico e estímulos que promovam o bem-estar:

– Coelhos e roedores necessitam de espaço para correr, esconderijos e itens para roer.
– Aves e répteis devem ser mantidos em aquários, terrários, gaiolas ou viveiros com controle de temperatura, umidade, ventilação e iluminação.

– Peixes exigem aquários limpos, boa filtragem e água em temperatura estável.

Calor antecipado exige vigilância contínua

À medida que as ondas de calor se tornam mais frequentes e intensas, a atenção com os pets precisa ser redobrada. Manter a hidratação, identificar rapidamente sinais de desconforto térmico e adotar medidas preventivas são ações fundamentais para preservar o bem-estar dos animais, independentemente da espécie. A avaliação veterinária periódica também é imprescindível, garantindo acompanhamento adequado e prevenção de problemas que podem se agravar durante períodos de altas temperaturas.

FRASE DA SEMANA

" A prevenção continua sendo a ferramenta mais eficaz para proteger cães, gatos e pets exóticos em dias de calor extremo",

Francis Flosi